

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Tatiane Santos Fernandes**

## **O que as crianças dizem sobre literatura infantil**

**MONOGRAFIA**

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Rio de Janeiro  
Setembro de 2018

**CCE**  
COORDENAÇÃO  
CENTRAL DE  
EXTENSÃO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Tatiane Santos Fernandes**

## **O que as crianças dizem sobre literatura infantil**

### **Monografia**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil e Perspectivas para o trabalho em creches e pré-escolas.

Orientadora: Aline Silveira

Rio de Janeiro  
Setembro de 2018



A minha mãe, Tânia Lúcia Santos, que com sua trajetória de vida, sempre me ensinou a importância de meus estudos.

A todas as crianças que estiveram em minha vida, como professora. Guardo com muito carinho em minha memória todas as nossas vivências.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora Aline Silveira, por todo apoio e carinho. Pelos encontros e por todas as contribuições para a escrita desta monografia.

À professora Nazareth Saluto que com sua delicadeza e paixão pelos livros, trouxe a mim esse tema que mudou a minha trajetória na escrita e nas minhas pesquisas.

À professora Silvia Nely Barbosa, por todo afeto que compartilhamos em nossos encontros.

Aos professores e a toda equipe da Puc-Rio, pela resignificação da minha formação, pelas contribuições em meus estudos e pelo novo olhar sobre a minha prática como professora da Educação Infantil

À querida Gabriela Scramingnon, que com sua amizade e simplicidade, me orientou e me apresentou esse curso tão maravilhoso (sou muito grata) e principalmente por suas contribuições de estudo e pesquisa.

Às crianças participantes dessa pesquisa, por tudo que compartilhamos juntos. Aprender com vocês sempre é muito significativo.

Ao meu Pai, meu senhor e meu Deus, que sempre estas comigo, só tenho a agradecer por tudo que fez e faz em minha vida.

À minha mãe que sempre me fortaleceu com o seu amor. Todas as minhas conquistas são pra você.

Aos meus sobrinho(a)s Antonio, Rafaela e Ana Julia, o amor de vocês é minha fonte de inspiração.

As minhas amigas de trabalho e do curso que sempre me ajudaram nessa caminhada.

Ao Raphael, por todo amor, cuidado e apoio. Por ser minha calma, sua presença me traz segurança, paz e alegria. Estar ao seu lado é um presente de Deus em minha vida

## RESUMO

O que as crianças dizem sobre a literatura infantil se desdobra sobre a escuta das crianças em seu universo literário, a forma da utilização do livro no trabalho da Educação Infantil, na centralização das interações das crianças com os livros, dos ressignificados, o que dizem na busca de suas leituras. Para este trabalho foram realizadas observações de campo observações de campo e registros em meus diários de campo, através de eventos do nosso dia-a-dia, entre as interações criança-criança, criança-adulto, tendo como elemento central o livro literário. Procurei dialogar com as minhas linhas de estudo, de maneira a fomentar as manifestações das crianças sobre o contexto cultural que atuam e a linguagem como meio fundamental nesse caminhar da importância perante as interações com o livro infantil. A escuta das crianças aconteceu em momentos de brincadeiras, com os livros em sala e na biblioteca da escola com crianças de 3 a 6 anos de uma instituição privada do Rio de Janeiro. O estudo teve como estratégia metodológica a observação das crianças através de seus diálogos. A investigação aborda as contribuições das crianças em seus cotidianos para a manifestação das apropriações de suas linguagens para a contação de leituras e narrativas de uma história. A pesquisa problematiza a literatura infantil, a cultura e a linguagem através dos encontros das crianças e sobre seus olhares. Como referencial teórico utilizo Paulo Freire, Bakhtin e Walter Benjamin. A monografia discute: (i) a formação do leitor, (ii) “não é assim que se conta, é assim”, (iii) “vamos a casa dos livros”. E sobre a escuta das crianças a monografia enfatiza a importância de encontros com a literatura infantil, a abertura de novos caminhos para que a criança leitora em contato com a literatura encontre espaço de enriquecimento e valorização de sua alteridade.

**Palavras-chave:** Criança, cultura e literatura infantil.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo I: A formação do professor leitor.. .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1-As lembranças da minha trajetória como .....</b>	<b>12</b>
<b>1.2-” Hoje é o dia de trazer o livro para escola?” .....</b>	<b>14</b>
<b>1.3-“ Você pode contar essa história pra mim?” .....</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo II: Não e assim que se conta, é assim..” .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1- “ Agora eu sou você e, você sou eu” Sobre outro, com outro e muitos outros” .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2- “ Senta aqui, vou te contar uma história” .....</b>	<b>21</b>
<b>2.3- “ Ah! Esse livro é meu” .....</b>	<b>23</b>
<b>Capítulo III: “ Vamos a casa dos livros” .....</b>	<b>25</b>
<b>3.1- “ Viu faltou essa parte, você esqueceu de contar” .....</b>	<b>26</b>
<b>3.2- “ Eba! Nós vamos a biblioteca.” .....</b>	<b>28</b>
<b>“E, acabou a história...” Considerações Finais .....</b>	<b>30</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>32</b>

## INTRODUÇÃO

Desde a minha formação no Curso Normal até a minha graduação, sempre me acompanharam as dúvidas sobre ser professor. Nunca me senti preparada para atuar em sala de aula ou para saber sobre o que ensinar para as crianças. Em todas as escolas onde trabalhei, com turmas de educação infantil, recebi informações em espécie de manual de orientações e folhas xerocadas. Isso me gerava desgaste e falta de crença no trabalho.

Entretanto o amor e a certeza pela profissão docente ajudaram à promoção de um reencontro com minhas crenças, aprendizados, leituras, conhecimentos. O encontro com a escola onde trabalho atualmente me ressignificou como professora possibilitando novos encontros e reflexões sobre minha prática, especialmente no que se refere à escuta das crianças, sobre o que elas dizem

De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (2010), a criança é um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, sendo um sujeito histórico e cultural.

Sobre essa nova concepção de infância e sobre aprender a ouvir as crianças, quantas concepções me fizeram enxergar esse mundo e a forma como trabalhar com elas, ouvir seus desejos. Quantas definições e olhares de mundo diversos elas possuem, informações e respostas e o quanto isso nos move de nossas certezas e nos traz dúvidas.

A tomada de interesse sobre a minha formação, sobre constituir o outro sujeito da consciência e assumir as singularidades da importância de uma leitura de qualidade para as crianças de 0 a 6 anos despertaram meu interesse em ingressar no curso de especialização de Educação Infantil na Puc-Rio.

O curso de especialização na PUC-Rio me proporcionou muitas aprendizagens, muitos encontros comigo e com a minha prática. Me convidou a pensar sobre partir dos diálogos das crianças, possuir escuta sensível e nos apresentou textos de autores que trouxeram embasamento para meu cotidiano prático e para a escrita desta monografia, como Paulo Freire, Sonia Kramer, Marcia Cabral. Em Kramer (2012), me senti tocada, indagada e motivada a pesquisar sobre o que as crianças dizem na escola de Educação Infantil. Em seu livro que, logo de início me deixou marcas, "Por entre as pedras: arma e sonho na escola" (2012), muitas indagações nasceram e despertaram meu interesse em pesquisar sobre linguagem.

Bakhtin defende um conhecimento simultaneamente histórico e pessoal. Assim é que, em Bakhtin, tudo é plural (Faraco,1989). Sua Dialética, opõe-se à perfeição ou ao acabamento, à imutabilidade ou à eternidade, destruindo e recriando numa ambivalência de morte e vida, negação e afirmação. Plurilinguíssimo, confronto pelo riso da diferentes vozes, plurivocidade. Diversidade social de linguagens e divergências de vozes individuais. (KRAMER, 2007, p.44).

Ler me fez ir ao encontro de algo que nunca havia percebido. As palavras nos deixam marcas, a linguagem nos constitui e as histórias e contos permanecem ao longo de nossas vidas. A partir de diversas leituras passamos a refletir no quanto o outro nos constitui, como, enquanto professores, vivemos o nossos dia a dia. Traz o dialogismo com uma significação na qual a relação com outro, este que me constitui, não apenas visando a prática mas os encontros, como passamos o nosso dia a dia, atendendo as demandas de um projeto, de uma semana pedagógica, mas muitas das vezes sem a sensibilidade de escutar e da atenção singular a potência que cada criança possui.

Ao pensar em um tema para a pesquisa fiquei com vontade de escrever sobre tantos assuntos em relação à prática, a rotina e até mesmo sobre creche. Nos meus encontros com as professoras, o tema em torno da escuta, diálogos e registros ficaram como uma cicatriz em meu corpo e, principalmente a partir de alguns autores como, Paulo Freire, Kramer, Walter Benjamin, Bakhtin, que indagavam sobre isso. Apesar de tantos encontros, discussões sobre temas e textos, a sensação para mim era a mesma, ainda faltava descobrir muito sobre.

A escolha surgiu partindo delas, das próprias crianças, para um tema que já estava definido por mim que era sobre linguagem, o que as crianças traziam do mundo e que significados elas davam sobre. Porém tudo mudou quando conheci a professora Nazareth Salutto e a minha orientadora Aline Silveira, que depois de muitas conversas, me convidaram a olhar para o que as crianças dizem na escola de Educação Infantil sobre a literatura, seus diálogos e a escrever sobre esse tema na presente monografia.

### **Meu cotidiano, minha prática.**

Trabalho em uma escola da rede particular localizada na zona sul do Rio de Janeiro. A escola atende a crianças de 1 a 6 anos, com turmas agrupadas, sendo turma de agrupada1, com crianças de 1 a 3 anos de idade e turmas de agrupada 2 com crianças de 3 a 6 anos de idade. A escola existe a três anos nesse formato. As crianças entram sozinhas na sala sendo acompanhadas pelos seus responsáveis até a porta. Em suas rotinas, as crianças entram na



sala, tiram os seus sapatos e pegam seus materiais de uso pessoal (garrafa, agenda, estojo de escovação) e depois se dirigem a cantos já arrumados pela professora com alguma proposta direcionada ou algo livre onde brincam livremente de acordo com suas escolhas.

Na sala de referência da turma, no canto da parede encontra-se uma prateleira com alguns livros disponíveis para as crianças. A professora recebe a turma enquanto a auxiliar ajuda as crianças a guardarem seus pertences pessoais para uso ao longo do dia. Em um dia específico, enquanto estavam em momento livre de exploração de jogos, brinquedos e livros, uma criança pegou um livro e fez o mesmo movimento que a professora fazia quando lia para ela. Duas crianças observavam. Seguiu-se o diálogo:

*EVENTO 1, dia 20 /02/2018, Agrupada 2:*

Bento<sup>1</sup>: Vou ler uma história para vocês, prestem atenção.

Luiza: Mas a história não é assim?

Bento: É, sim, do meu jeito...

Luiza: Tá bom, mas tem essa parte na história...

(Felipe somente observava a conversa).

Esse diálogo me convidou a refletir como as crianças se apropriam das palavras, como as utilizam e de que forma as utilizam no seu processo de contação, de uma releitura, de uma nova filosofia, de uma nova concepção de mundo. Vygotsky (1989) ao tratar sobre o tema *pensamento e linguagem*, afirma que signo e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. A história é marcada pelas vozes, gestos e vibrações isso nos leva a pensar que a língua pode possuir tantas ideias que corresponde a uma linguagem que exprimem raízes, sejam essas de culturas, famílias e regiões.

Definida como língua dos começos, como “fábula das fontes”, como língua do relacional, língua de escuta, língua do tempo, a expressão “língua materna” foi aqui assumida como essência da linguagem. Por isso que a língua materna do homem é a linguagem. Pensada desde o horizonte criador, ou seja, pensada desde a infância, a língua materna define-se a partir do que pode vir a ser e não do que já é e foi (SCHUBACK, 2011, p. 99).

Esta monografia traz reflexões a partir de um início de aprofundamento sobre o tema e seu campo se relaciona diretamente com minha prática. Pretende pensar como a escuta, o

---

<sup>1</sup> O nome das crianças citadas no evento é fictício.

diálogo, a literatura e linguagem encontram-se presentes no cotidiano da educação infantil e precisam ser observadas e refletidas em suas singularidades.

Paulo Freire (1996) nos fala sobre a necessidade de nos tornarmos pesquisadores no decorrer de nossas práticas junto às crianças.

Enquanto ensino continuo buscando, repercurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p.32).

E neste contexto, pretendo pesquisar sobre literatura infantil, retratando novos olhares, encontros e significados, possibilitando novas reflexões para o cotidiano e novos encontros para a troca e ressignificados.

No capítulo I deste trabalho trago a minha infância, a minha formação e a minha prática com as crianças e sobre elas. A ideia foi retratar aquilo que já me indaga durante tempos sobre os hábitos e perguntas que se fizeram presentes ao longo do meu curso. A história aqui se fez presente e quanta emoção ao escrever sobre a minha infância. No capítulo II, refiro-me à relação das crianças com os livros, os encontros, da vinculação com as crianças e os adultos em eventos do cotidiano em que narro e reflito sobre as interações das crianças com os livros em suas apreciações pessoais. No capítulo III, refiro-me ao espaço onde a criança me fez refletir e pensar em minha infância e, observar mais sobre a biblioteca, especificamente a biblioteca infantil e como as crianças fazem suas construções e sua diferenciações neste ambiente literário.

## CAPITULO I- A FORMÇÃO DO PROFESSOR LEITOR.

*Histórias que entram em cena mediadas por suas lembranças. Tais lembranças necessitam ser faladas, escritas, lidas, assumidas, afirmadas, escutadas, para poderem assim ganhar status de memória, serem lapidadas. Elas nos habitam individualmente, mas seu nascimento, há muito, aconteceu no coletivo. Quando socializadas, podem assim, serem refletidas e criticadas.*

*Madalena Freire*

A escrita desse capítulo surgiu motivada pela minha participação, como mediadora em um curso de extensão no Pedro II, práticas na Educação Infantil, tema literatura infantil, assunto de muito interesse. Começamos partindo de uma atitude: se, como e por que a literatura marcou sua infância. Sobre essa discussão quantas emoções, sentimentos, lembranças, memórias afetivas, recordação. Com os diálogos, percebemos que muito do acervo infantil serviu para aquisição da leitura e da escrita a partir do envolvimento dos livros didáticos, somente a partir de propostas para avaliação e não para o despertar da construção literária do leitor.

E continuamos sobre a memória da literatura. Em nossos diálogos, percebemos o que incomodava tanto professores da rede pública quanto da rede privada em suas formações durante suas vidas escolares e acadêmicas. E percebemos que não existiram espaços sobre a constituição de si e do outro que estivessem fundamentados na literatura como parceira de troca e compartilhamento de viagens e imaginações.

Outra forte constatação dá-se em relação ao processo de ensino-aprendizagem. Percebem que só aprendemos a partir do que sabemos de nossa experiência, do que nos dá sentido, do que tem significado dentro da nossa história. Pois como nos diz Marina "só vemos que sabemos, só compreendemos o que sabemos, só fazemos o que sabemos, só cremos no que sabemos" (FREIRE, M., 2008, p.43).

Por muitas vezes me indaguei em várias perguntas acerca da literatura infantil de que tanto comentamos, partindo de vários vieses sobre o tema e as pesquisas. Questionei sobre a formação desse professor e dessa criança, suas constituições de alteridade dentro de contextos sociais. Qual seria a utilidade da literatura infantil nas escolas? A formação desse leitor e do professor? Os livros que se tornaram brinquedos para o consumo, contexto social, cultural e inúmeros questionamentos.

### 1.1- “As lembranças de minha trajetória como leitora”

Minhas lembranças e histórias sobre minha formação de leitora iniciam-se no meu Jardim de Infância, em uma escola pequena, lembro que fazíamos um trem no parquinho para ir à sala, que era bem pequena. Eu sentava no canto, perto da janela e minha professora mediadora começava nossa rotina com a música da janelinha. Havia um banheiro do lado de fora que para mim era muito difícil de acessar, pois a escada era alta. Dentre diferentes memórias, não tenho recordação de um momento em que a professora realizava leituras, um espaço com livros em minha escola e nem em minha casa.

Minha infância: Não tive possibilidades financeiras para adquirir livros e o acesso à biblioteca era complexo. Um dia ganhei da minha mãe um único livro “Chapeuzinho Vermelho”, único que tive durante toda a minha infância. Pouco tempo minha mãe possuía para ler comigo, mas eu ficava o todo tempo com o livro e adorava as imagens. Perdi este livro que guardo com muito carinho em minha memória.

O ingresso em minha vida escolar foi desastroso. Minha alfabetização foi acompanhada por perda de interesse em livros literários e encontros com palavras soltas e famílias silábicas desprovidas de sentido. A professora nos chamava à frente da turma para “ler” como espécie de oradores da turma. Literatura desprovida de sentido, acompanhamento e avaliação processual.

Não existiam aulas sobre literatura, nem encontros na biblioteca, espaço este que sempre estava fechado e, quando precisávamos usá-lo tínhamos que pedir ao inspetor para abri-lo. Uma sala aparentemente desorganizada, com muitos livros didáticos. Meu convívio nesse espaço era mais para a pesquisa de trabalhos escolares. Fui crescendo e minhas leituras diminuíram, pois minha família não possuía a prática da leitura cotidiana. Meu acervo literário em casa era nenhum.

Esse contexto permanece até a minha formação de professores, antigo Curso Normal, com uma carga horária extensiva de aulas de português, literatura, didática da língua portuguesa. A biblioteca muito organizada, mas meu encontro com ela era o mesmo, apenas para pesquisas e leituras obrigatórias.

Para a presente escrita desta monografia encontrei meu caderno de estágio de 2001 com as observações que meus professores solicitavam e percebo que não existia esse momento para leitura de um livro, momento na biblioteca e nenhuma observação existia sobre esse espaço. Fiquei refletindo sobre a lembrança, de alguma escola em que fiz estágio, se havia o espaço de uma biblioteca.

O resgate desse mundo de lembranças, às vezes, pode parecer tão longínquo, mas nos acompanha de perto no nosso cotidiano... Todas essas lembranças, quando resgatadas, socializadas e, assim, apropriadas, ganham status de memória. Memória que alicerça a consciência histórica, política e pedagógica desse sujeito (FREIRE, M.,2008, p.41).

Em Paulo Freire (1997), lembrança é libertadora. Na minha prática, entretanto, percebia a urgência em ensinar tantos conteúdos com a literatura servindo apenas como ferramenta de avaliação condicionada a livros didáticos. Ao pensar sobre práticas impedoras de formação reflexiva das crianças como sujeitos pensantes, autores e construtores de seu conhecimento, rememoro a minha história, elementos que me fazem refletir sobre a formação de leitores. Trago as minhas memórias de não leitura não apenas para compreender a leitora que sou hoje, mas as maneiras pelas quais se estabelecem as relações entre criança e professor na educação infantil por meio do ato de ler.

Através das teorias, diálogos, escuta e histórias, há um caminho na possibilidade de construção de um pensamento reflexivo, onde planejar, avaliar, observar e documentar fazem parte desse processo, de um professor-pesquisador de sua própria-prática em sua formação.

E sobre a utilidade da literatura na Educação Infantil, que acervo é oferecido, os livros que servem como brinquedos. A cultura da utilização dos livros apenas nos contos, como ferramenta de ensino, como obrigação, como esses livros infantis estão inseridos no cotidiano escolar?

A partir desses questionamentos me proponho a observar, partindo da minha prática como professora da Educação Infantil, eventos do cotidiano pelo olhar do interesse das crianças, o que elas buscam sobre o mundo e sobre o que se interessam nos livros. A sensibilidade da escuta, do diálogo para o nosso cotidiano buscando caminhos para o nosso conhecimento, oferecendo aquilo que tanto interessa e contribuindo para momentos no coletivo, motivou a realização dessas observações de campo.

Contribuir para a formação da sensibilidade das crianças significa incentivar e criar oportunidades para que elas se expressem, ampliem e enriqueçam suas experiências, aumentando suas possibilidades de interlocução e o entendimento da realidade que as cerca. Contribuir para a formação da sensibilidade dos educadores é reconciliá-los com a própria expressão, resgata-lhes a palavra, o gesto, o traço, as ideias, a autoria (DIAS, 1999, p.176).

Oferecer espaços para esses encontros é encontrar meios de contribuir para a formação da sensibilidade, incentivando e criando oportunidades para a troca e ir ao encontro de experiências que sejam sensíveis e ampliadoras.

## 1.2- “Hoje é o dia de trazer o livro para escola?”

*EVENTO 2, dia 06/03/2018, Agrupada 2:*

Em um momento no banheiro, uma criança inicia um diálogo me contando sobre os livros que gostava quando sua mãe realizava a leitura à noite. Percebi o quanto era especial para ele, e perguntei de qual história ele gostava mais. Muito simples me respondeu que gostava de todas, sabia cada detalhe que para ele era muito especial e os títulos dos livros.

Continuamos nosso diálogo e fiquei a esperar. Surgiu-me a curiosidade em saber qual livro fazia parte do acervo das crianças da turma. Voltamos para a sala e, em uma roda de conversa, percebi como algumas crianças possuíam esse encontro com os livros e como outras não tinham nenhum acesso à literatura. Combinamos que cada criança iria trazer um livro infantil para realizar o conto para a turma.

O que se seguiu após esse evento é que as crianças chegavam empolgadas para o momento de troca, sempre perguntando se era o dia de trazer o livro para escola. Em seus contos com variados tipos de literatura, não se limitavam ao contar suas histórias, mudavam a voz, faziam onomatopeias, olhavam as imagens, pensavam antes de falar e deixavam livres a imaginação guiar cada olhar. O faz-de-conta é um gênero literário que permite a interação da criança com o mundo. A literatura é um espaço privilegiado para ser e estar nesse mundo. Brincar com a imaginação é estar envolvido na cultura.

Perceber como as crianças possuíam criatividade para a realização do conto das suas histórias e sobre seus próprios olhares, possibilitando encontros para cada criança, aprofundando novas narrativas até mesmo para os contos clássicos infantis, me despertou a atenção para detalhes antes para mim irrelevantes.

Histórias que entram em cena mediadas por suas lembranças. Tais lembranças necessitam ser faladas, escritas, lidas, assumidas, afirmadas, escutadas, para poderem assim ganhar status de memória, serem lapidada. (FREIRE, M., 2008, p.42).

Acreditando nessa possibilidade, podemos compreender que um dos principais encontros com os livros infantis, é quando partindo da curiosidade das crianças e seus interesses e, principalmente pelos contos que ficaram em sua memória registrados de afeto.

(...) uma das características próprias do ser humano é criar, modificar e ser modificado permanentemente pelo meio sócio-cultural. No que diz respeito à literatura infantil, e ao ato de leitura nesse contexto, o livro só se torna legítimo quando é possível com ele interagir, recriando-o, suplementando-o como leitor com a sua própria visão de mundo. Do contrário, é texto sem leitor, página em branco (CABRAL, 1998, p.154).

Criar, viajar, desfrutar desses encontros é poder perceber com novo olhar como uma leitura se modifica com a percepção das crianças em seus contextos culturais para o reconhecimento de seus contextos sociais. Em busca de uma escuta para o olhar sensibilizado para lançarmos um cotidiano que seja rico para as nossas crianças.

Desta forma, o prazer para leitura, o despertar, está na criatividade de entender essas crianças como protagonistas de seus entendimentos sociais a uma qualidade que possa torná-los futuros leitores, oferecendo momentos para a escolha de seus livros, como realizam a utilização desses e no simples contar e ou escutar aquele que conta a história.

### **1.3- “Você pode contar essa história para mim?”**

Quantas narrativas de imaginação foram possíveis para o nosso encontro, mas nem sempre todas as crianças se sentiam confortáveis para esse momento e queriam contar na íntegra, pois sabiam das narrativas que já tinham sido contadas a elas em casa e refutavam ou pediam o nosso auxílio para contar.

E que as crianças são especialmente inclinadas todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem -se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou na marcenaria, da atividade do alfaiate ou onde quer que seja. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que estabelecer uma relação noção e incoerente entre esses restos e matérias residuais. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande (BENJAMIN, 2009, p. 57).

O referencial teórico e o campo nos convidam a pensar como as crianças estabelecem relações para redescobrir e identificar suas concepções através da interação com

o professor mediador e/ou do adulto mediador. Suas experiências estão sempre relacionadas por aquele que lê ou conta a história, mas com ressignificados.

A literatura infantil se constitui em um espaço interativo, onde há sempre a possibilidade da criança construir novamente aquilo que por ela já sabe, na possibilidade de redescobrir, inventar, recriar e transformar. Mas qual a relação real da criança para experimentar essas possibilidades de criação?

Fomentar essa questão nos convida a pensar na produção e na relação desigual entre adultos e crianças na escolha do livro infantil e na sua decisão de escolha.

(...) no que se refere tanto a sua produção quanto a sua recepção: a relação desigual entre adultos e crianças em uma sociedade que tende a privilegiar a decisão dos mais experientes em detrimento das possibilidades de criação, intervenção dos ingênuos, miniaturas de adultos. O livro infantil é escrito, produzido, comprado, distribuído, em geral, por um adulto. Nesse processo, à criança é oferecida pouca ou nenhuma chance de escolha. Interferência, interlocução (CABRAL, 1998, p.155).

Cabral nos ajuda a compreender a importância do envolvimento das crianças a partir de suas escolhas e decisões nos encontros com livros que não sejam apenas direcionados para o mundo infantil e a considerar o que traz prazer para à leitura; buscar encontros com diversos tipos de leituras, diferentes tipos de literatura. E que a literatura infantil possa ser trabalhada diariamente na perspectiva de que uma boa leitura enriquece, fomenta, origina diálogos, encontros e novas possibilidades para outras leituras. Dessa forma, o caderno de receita da escola torna-se para as crianças uma leitura prazerosa.

#### *EVENTO 3, dia 04/04/2018, Agrupada 2:*

Em um de nossos encontros, no campo de pesquisa, as crianças encontravam-se envolvidas fazendo descobertas sobre uma fruta, o limão. Neste encontro as crianças realizaram uma limonada. No fim do dia, na sala de referência, as crianças sentaram em roda e a professora no momento da história iniciou a contação com a frase “Era uma vez..”. Uma criança completou dizendo: O limãozinho... Logo a professora percebeu o entusiasmo das outras crianças e deu continuidade àquela ideia. Guardou a história que iria contar, dando vez e voz para que todas pudessem continuar seus compartilhamentos de ideias. A professora começou a documentar tudo o que estavam conversando, trocando. Foi sem dúvida um momento muito divertido para crianças, uma brincadeira para ambos, crianças e professora. Ali um livro de narrativas foi inscrito.



Tocou muito perceber nas falas das crianças, através de suas vozes e diálogos, as possibilidades de vivências e comportamentos do nosso cotidiano, como cada detalhe de sua casa, de seu caminho para escola, de seus medos estavam retratados em uma frase que se constituiu em um livro. Cada criança contar, desenhar e se identificar como próprio autor e ilustrador deste livro foram maneiras e possibilidades para a criação.

## **CAPÍTULO II- “NÃO É ASSIM QUE SE CONTA, É ASSIM.”**

A criança em sua linguagem se renova a cada movimento, se constitui na alteridade, no encontro com outro e nas possibilidades. Tendo privilégios para produção de sentidos, de criação, nas necessidades de um diálogo para o encontro consigo e de seus prazeres, produzindo algo novo a partir de sua imaginação; da linguagem, de tantas culturas e singularidades que se falam, de sentidos verbais, sentimentos.

Como a criança se relaciona com o mundo da literatura? Precisa ser nutrido de compartilhamentos e significados, possuir sentido e estar por inteiro nas situações de uma narrativa, de um conto, na construção que vai se dando ao longo de uma história.

Na linguagem nos constituímos, seria isso uma arte, como cada autor busca em sua escrita dialogar com o leitor que se encontra na busca de permitir um pensamento ao longo do livro, na busca de um diálogo para além da história contada.

Na relação entre narrador e ouvinte, criam-se laços afetivos, promovem-se encontros e diálogos, emergindo a dimensão expressiva da linguagem. (...) ouvir e narrar histórias são atividades fundamentais na educação infantil. E a narrativa de histórias cabe as crianças e adultos, revezando os lugares de locutor e de ouvinte. As histórias narradas são de muitas naturezas, reais, ou fictícias, antigas e atuais, e abarcam o contar e o ler (CORSINO, 2012,p. 61).

Podemos perceber o quanto nós, professores mediadores, envolvidos nas práticas pedagógicas muitas das vezes não nos importamos com como as crianças conseguem dar significados inseridos na cultura e proporcionando sentidos junto com os livros, cada uma de forma bem singular para com as outras, produzindo vivências, culturas e sentidos.

Sendo assim linguagens e códigos são mais do que objeto de conhecimento, eles são meios para o mesmo. Nas trocas, percebemos quantas linguagens utilizamos para a busca daquilo que não sabemos e o quanto as crianças estão constantemente na busca desse novo e na troca de informações que favorecem meios para a busca de conhecer o mundo por meio de suas linguagens, através de seus conhecimentos. Assim na medida em que elas se apropriam de informações, constituem um novo significado.

Sabendo que a leitura possibilita o encontro para essa linguagem de mundo, língua e cultura, meios que possibilitam encontros ao desconhecido, para as dúvidas, na busca do não saber. E assim, dialogando com o encontro para pesquisa e para a construção de seu conhecimento.

A literatura propicia o desenvolvimento integral do homem, que percorre pela linguagem, mundos desconhecidos, cria e recria realidades, vivencia situações, amplia o conhecimento de mundo, encontra o equilíbrio emocional e psíquico, desenvolve seu senso crítico. Seja no papel de escritor ou de leitor, a literatura possibilita ao homem a expansão do seu potencial criador e imaginativo, satisfazendo sua necessidade de ficção (VIEIRA, 2008, p. 442).

A criança constantemente busca em suas leituras significados para si, não importa quantas letras possa existir em um livro, pois a imaginação infantil colabora para a construção de sua leitura. As crianças embarcam através de suas vivências, buscando nas imagens embasamentos para a sua construção na leitura.

Desta forma a leitura, mais do que um objetivo geral, possibilita conceitos de literatura para a construção de texto, contexto, aquisição de perguntas e respostas, leituras de mundo, códigos e informações que buscam constantemente.

Portanto, o encontro com a literatura dar-se pela cultura e pela sua relação com seus livros. Inicialmente sendo um leitor ouvinte e logo criando autonomia para sua relação com a literatura.

## **2.1- “Agora eu sou você e, você sou eu.” Sobre outro, com outro e muitos outros.**

A linguagem é um meio de ação que constitui o nosso pensamento e nos deixa marcas, criando e recriando significados que estão em nossa volta. Percebemos isso quando estamos com as crianças em uma roda de conversa, nos diálogos coletivos, individuais e até mesmo na contação de uma história. As crianças produzem significados em seus diálogos e o modo pelo qual se expressam deixam marcas que fazem parte de nossas vidas.

Estabelecer encontros com outro, muitos outros na Educação Infantil e nas suas interações, buscando no coletivo relacionamentos para as contribuições de suas linguagens impregnadas de significados, valores e conhecimentos, é assumir uma nova concepção de sujeito.

No evento abaixo, em roda final, onde as crianças possuem o encontro para troca e para avaliação do nosso dia, envolvidas com um livro da sala, pedem para a professora realizar a leitura, deixando a avaliação para outro momento.

*EVENTO 4, dia 11/05/2018, Agrupada 2:*

A professora chama as crianças para uma roda de conversa. As crianças envolvidas com um livro pedem à professora para contar a história. Esta, muito curiosa para saber o motivo do interesse das crianças com o livro escolhido, começa a contá-lo: “Menina bonita do laço de fita, autora: Ana Maria Machado”.

A professora muito atenta para os diálogos com as crianças percebeu nesse envolvimento um interesse para um encontro e a assim ela começou e quando estava no término uma criança interrompeu dizendo:

Patrícia<sup>2</sup>: Olha!! Sou eu gente.

Crianças: É mesmo, é você, Patrícia.

Patrícia: É, eu sou da cor do meu pai, cabelo da minha vó, minha mãe parece o coelho que tenta ficar da minha cor.

(Crianças começam a rir de uma forma bem divertida).

O evento nos mostra o espaço dado para que as crianças se tornassem autores de suas próprias atitudes, dando capacidades para refletir sobre elas, onde dialogaram e questionaram sobre suas realidades, subvertendo-as interpretando situações em que se colocaram como autores.

Na perspectiva de uma educação que tenha como objetivo permitindo que a criança seja vista não mais como aquela que não fala, ser inacabado, tábua rasa, dentre outras concepções que caracterizam a trajetória da construção do pensamento social da infância, são essenciais condições e espaços organizados às crianças, para que se tornem autores de suas próprias atitudes e capazes de refletir sobre elas (SIQUEIRA E CARVALHO, 2013, p. 172).

Essa criança questiona, busca, dialoga com o mundo, coloca-se nas situações, formula perguntas e respostas, busca em seus encontros respostas para suas concepções. Cria e recria nas histórias muitas vezes o inatingível aos adultos.

A leitura para o encontro de narrativas onde as crianças se colocam em suas realidades para uma imaginação, possibilita caminhos que contribuem para uma invenção, na exploração e da sensação de serem construtoras daquilo que desejam.

---

<sup>2</sup> O nome das crianças citadas no evento é fictício.

Nessa sociedade em evolução tecnológica conectada e, integrada, defendemos a ideia do resgate da oralidade, do diálogo que exige a presença do outro, fundamental para a reflexão e a reinvenção da realidade. Essa necessidade tem papel central no cotidiano da Educação Infantil, com vista a que, desde muito cedo, a criança reconheça a si e dos outros como cidadãos, portadores de direitos e deveres, conscientes da importância de sua atuação na construção da realidade em que se insere (SIQUEIRA E CARVALHO, 2013, p. 173).

Uma literatura significativa contribui para esse encontro com outros, onde suas histórias reais enfatizam a realidade como espaço necessário para a formação de linguagens na construção de sentimentos, possibilitando oportunidades para serem autoras de suas próprias histórias.

A compreensão de que nos espaços escolares, professor e aluno são seres humanos, com histórias pessoais e coletivas que se entrelaçam promovendo novas histórias abre caminhos de possibilidades para experiências vividas nas realidades atuais que evocam envolvimento humano onde podemos sentir, ouvir, trocar, compartilhar sensações para a vida.

Estar com outro, no outro e com outros em suas especificidades, resulta em diálogos e escuta para suas singularidades; o respeito e a aceitação nas diferenças.

## 2.2- “Senta aqui, vou te contar uma história”.

*Refiro-me que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo a palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos.*

*Paulo Freire*

*EVENTO 5, dia 16/05/2018, Agrupada 2:*

Sentada a mesa, no canto da sala, Fernanda pega um livro cujo título é “Meninas negras”. Começa a folhear as páginas, passando os dedos sobre as letras dando a impressão de que estava lendo as palavras. Ao terminar, coloca o livro numa posição semelhante a que a professora faz quando lê para a turma e inicia seu conto. Com a voz baixa, se retrai, quando se dá conta que observo, mas peço para que me conte a história e assim ela faz. Senta-se ereta e

vira o livro para mim, neste momento ela assume o papel de professora e eu de aluna, segundo a própria que se chama de professora e me chama de aluna.

Fernanda conta a história articulando o que lembrava do que foi lido com o que via em cada página. Suas falas procuravam rimar, davam características da ilustração acrescentando alguns detalhes que não estavam visíveis, como em um trecho em que vê um grande quadro negro e a personagem sentada numa carteira, no quadro há um desenho do Mapa Mundi, mas Fernanda diz que a menina negra foi pra escola de matemática.

Até certa página, não intervi em sua contação, até que sua insistência em pedir para ler o nome da personagem me fez ler de fato uma página. Fernanda passou algumas páginas sem ler, me perguntava se era a mesma personagem nas outras páginas, demonstrando certa dúvida na ligação das histórias.

Depois de verificar que a partir de certa página começava outra história, retornou à página na qual intervi e continuou contando, interagindo comigo. Quando me distraía, ela dizia:

-Aluna! Acho que você não quer ouvir história, vai precisar sair da roda. Você não quer que eu conte, vou parar e guardar o livro!

Insisti para que continuasse, lhe pedindo para contar e pedindo desculpa pela distração. Numa página a personagem estava pintando e Fernanda perguntou:

- Quais as cores preferidas dela? Advinha! Preto, laranja e amarelo! (as cores no desenho)

Em outro trecho da contação, a criança me mostra onde está lendo:

- Aqui oh! Estou aqui tá bom?

Fernanda demonstra apropriação da função do livro, compreende sua ordem e organização em início, meio e fim.

Percebe que existe uma escrita rimada e procura encaixar palavras com sons semelhantes. Ainda que sua leitura e escrita não estejam formalizadas, o papel social de tal faz parte de sua realidade e ela demonstra aparente domínio sobre.

De alguma forma podemos compreender que neste evento Fernanda possui noção da literatura na vida e sua especificidade com escrita. Atribui sua própria significação e não do educador que estava como ouvinte. Em Paulo Freire (1981) a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. Em suas leituras, relatam muito sobre suas vivências e sobre uma linguagem que já se sentem pertencentes.

O professor mediador necessita compreender que na troca de saberes, o que as crianças dizem através de sua linguagem de mundo as constitui. Vivenciar momentos de

crescimento, buscar meios para que possam garantir momentos para recriarem seus próprios conceitos. O evento nos convida a pensar no ato da leitura, na recriação de seu imaginário e na representação social de seu contexto.

### **2.3- “Ah! Esse livro é meu”.**

A viabilidade para a criança usufruir de um espaço com diferentes tipos de leituras encontra-se distante, a leitura ainda se baseia em temas pedagógicos, lições moralizantes, com narrativas fáceis e infantilizadas.

O surgimento da literatura infantil destinada à criança surge entre o fim do século XIX e início do século XX. Tratava-se basicamente, de traduções europeia e uma tímida produção nacional, marcada com o princípio de serem instrutivos e moralizantes foram as motivações para o encontro de seus surgimentos para o convívio das crianças. Sempre sendo negadas a ter vínculos para apreciação do estético, do artístico e além de serem impossibilitadas com o propósito de fruição destas obras. Desta forma a criança só teria a possibilidade para o encontro com livros que fossem infantilizados e alfabetizados por ele (CABRAL, 1998, p.154).

O fazer literário não acontece com palavras e frases bonitas, pois a literatura se constitui em muitos elos e níveis de espaço para o encontro com o leitor. A organização, a escolha, a possibilidade da criança realizar a sua escolha para um novo encontro com diferentes tipos de leitura .

O ato da leitura e da literatura infantil só se torna possível e significativo quando as crianças com ele interagem, recriam, imaginam e ressignificam suas leituras; quando o professor mediador desse encontro oferece novas e diferentes leituras. Mas, infelizmente ainda presenciamos poucas chances onde as crianças tomam suas decisões de escolha.

Buscando estabelecer esses encontros da criança com o livro, que experiência significativa a criança pode estabelecer com a leitura? Afeto, vínculo, pertencimento ou apenas o desejo de estar com ele pelo sentimento que se cria. Professores em geral ainda optam pela escolha didática fundamentada no princípio de estabelecer encontros pedagógicos, projetos de leitura da escola e não optam pela necessidade real da criança.

No decorrer de minha experiência, percebo como professores buscam meios e maneiras de fazer com que as crianças propagandeiam o gosto pela leitura, mas não criam possibilidades para o encontro com o livro. E, estar diariamente na escola não garante encontros com os livros, muito menos a criança sendo envolvida nessa cultura.

Em Cabral (1998) percebe-se que o desejo de penetrar no mundo da leitura é anterior ao período do deciframento do código escrito, da própria escolarização. A descoberta da leitura sempre feita pela observação e pela interação de uma maneira que possa dialogar e interagir para ingressar no mundo letrado.

Construir ambientes ricos culturalmente, onde seja possível ações reais de leitura traz à tona a sua importância, pois torna-a muito mais relevante do que um discurso propriamente sobre a importância da leitura na rotina das crianças. Contudo, a relação da qualidade em que a criança possa estabelecer correlação com suas primeiras leituras, com suporte e conteúdo adequados para elas, ainda encontra-se distante para a sua formação.

A formação do leitor não é natural e requer diálogo constante com a cultura e com a história. As primeiras experiências significativas com a leitura, as que ficam verdadeiramente registradas, dizem respeito muito mais a um ambiente de leitura do que à alfabetização em sentido escrito. As leituras que agradam as crianças não são necessariamente as infantis, mas as que podem ser contextualizadas, e que, de algum modo, passam a ter significados para elas. O contexto cultural rico em experiências diversificadas com a leitura é extremamente relevante no processo de formação do leitor (CABRAL 1998, p.162).

A criança é constituída de várias maneiras, tratando-se da literatura, nada obstante de sua experiência, com condições reais, culturais e históricas. O encontro com a leitura não necessariamente será realizado pela família e/ ou nas instituições escolares. E sim em outros espaços que sejam significativos, onde a criança se reconhecerá em seu pleno desenvolvimento como leitora.



### **CAPITULO III- “VAMOS À CASA DOS LIVROS?”**

Este capítulo surgiu quando uma criança se dirigiu a mim perguntando por que a casa dos livros se encontrava fechada. Questionei-me se estava se referindo à biblioteca e a perguntei: “Que casa dos livros”? A criança no mesmo momento disse: “A sala onde ficam todos os livros. É a casa deles”.

Fiquei pensando nos espaços das crianças, na forma pela qual vivenciam e como tornam-se pertencentes a eles e dos espaços fora da escola voltados para a criança.

A infância é registrada pelos detalhes da sensibilidade, através de seu olhar e de sua fala. E como é bom descobrir, observar, vivenciar pela ótica das crianças. Na Educação Infantil, os espaços que as crianças possuem para as suas vivências assumem um papel muito além desses detalhes.

(...) espaço torna-se um ambiente, traz situações da vida para a escola e é percebido como flexível, vivo, em construção permanente. Repensar o papel do espaço na educação infantil se relaciona à possibilidade de romper a dinâmica de organização centrada exclusivamente na lógica do adulto e viabilizar uma cultura que introduz novas formas de viver e compreender os tempos e espaços, próprios da lógica infantil (CAMÕES, TOLEDO E RONCARATI, 2013, p.266).

Qual o propósito de se criar um espaço que seja direcionado na Educação Infantil para o encontro com os livros? Porque o termo biblioteca? Qual a sua importância para as crianças estarem em contato com os livros? Essas foram algumas dúvidas que foram surgindo quando me encontrava no direcionamento nas leituras e nos estudos dessa monografia.

Sabe-se que a biblioteca é um espaço enriquecedor para o encontro com a imaginação, com o faz-de-conta, com a aquisição da leitura e da cultura de seus pares; um espaço de aprendizagem com seus pares criança-criança, criança-adulto.

Iniciei buscando o significado da palavra biblioteca no dicionário da língua portuguesa. Biblioteca significa: “coleção de livros, dispostos de modo ordenado em estantes, para estudo, leitura e consulta, recinto, edifício, sala ou móvel onde se encontram essas obras”.

Sobre esse fragmento e sua importância, relacionarei a biblioteca infantil nos espaços escolares; sobre a importância que a leitura proporciona no desenvolvimento de crianças que ainda não estão na fase de alfabetização e do incentivo ao hábito da leitura nas crianças.

Portanto quanto mais a criança tiver acesso a textos universais, com leituras contextualizadas, sua curiosidade poderá abrir novas perspectivas de leituras e contribuir em sua construção como leitora de mundo.

De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo ou de reescreve-lo” , quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 1981, p. 13).

Nesta citação percebemos que a leitura e o contato com os livros possibilita o encontro para transformar e ampliar, através do lúdico infantil, a sua visão de mundo, pois as crianças exigem essa necessidade. E percebemos que a influência e o contato com os livros tornam-se cada vez mais distantes em ambientes escolares para esse momento de ludicidade.

### **3.1- “Viu, faltou essa parte, você esqueceu de contar.”**

Percebemos que a biblioteca infantil está inserida geralmente no projeto pedagógico escolar, com o intuito de fazer com que estes possam criar um hábito de leitura e de possibilitar um ambiente que proporcione o encontro para aquisições de pesquisas e projetos.

A biblioteca infantil é um espaço lúdico da infância que propõe possibilidades de convívio com o livro num espaço escolar. Esse espaço deveria sempre atuar no propósito de ser um lugar para brincar com os livros, com as letras, com o faz de conta, com o narrar e ouvir histórias, propicio para viajar no mundo da imaginação.

Sabemos que o contato com o livro possibilita o desenvolvimento de cultura, de linguagens nas crianças estabelecendo novas aprendizagens, num espaço onde as crianças se expressam exercitando sua criatividade. Nesse sentido, provocar a produção de conhecimento a partir do seu acervo cultural tendo acesso a um mundo de leituras e estabelecendo novas relações.

Como descrevi nos capítulos anteriores, estimular a leitura na criança é proporcionar experiências significativas e prazerosas em suas aquisições de conhecimento e linguagem através de envolvimento rico para o encontro com professores, crianças e seus responsáveis nas aventuras de suas leituras.

Compreendemos que a biblioteca infantil necessita familiarizar as crianças com diversos materiais, com diferentes tipos de leitura, biografias e materiais que possam

enriquecer suas vivências, despertando sua curiosidade para o mundo literário, para a leitura e desenvolvendo sua capacidade de expressão.

E como organizar esse ambiente? Nas escolas onde trabalhei a cultura literária estava muito presente, algumas delas com bibliotecários para a estruturação e organização desse espaço para as crianças da educação infantil. Contudo, em encontros com outros profissionais, em alguns campos de pesquisas e instituições, percebi que esse ambiente era inexistente e o encontro com a literatura era apenas aquele escolhido pelo professor. Ao pesquisar sobre esse tema, percebi que são poucas, ou quase mínimas as pesquisas sobre a importância da biblioteca na educação infantil como formadores de aprendizagens, linguagens.

Então, pensar sobre a organização desse espaço como meio para a capacidade de expressão das crianças, é compreender também as condições necessárias para reunir materiais adequados a serviços de atividades com o envolvimento das crianças.

Os Parâmetros Básicos de Infraestrutura de Educação Infantil (Brasil 2006c) é um documento que orienta a construção e a organização dos espaços físicos da escola dessa etapa. Possui como propósito um projeto participativo que envolva a comunidade educacional, possibilitando compartilhamento de saberes e compartilhando saberes, valores culturais, no qual a criança tenha a possibilidade de recriá-lo e explorar esse ambiente.

(...) busca ampliar os diferentes olhares sobre o espaço, visando construir o ambiente físico destinado à Educação Infantil, promotor de aventuras, descobertas, criatividade, desafios, aprendizagem e que facilite a interação criança-criança, criança-adulto e deles com o meio ambiente. O espaço lúdico infantil deve ser dinâmico, vivo, “brincável”, explorável, transformável e acessível para todos (PBIEI, 2006, p.8).

Com esta citação podemos compreender que não basta a criação de um ambiente que corresponda as especificidades da criança, é importante trabalhar na construção de um espaço em que os pequenos tenham autonomia e se apropriem deste lugar, tenham liberdade em suas escolhas. É importante que o adulto consiga ouvi-las dando a possibilidade de ressignificar, potencializar suas construções. A biblioteca infantil é um importante meio para ampliação da imaginação, desde que tenha condições para não ser um espaço que seja fragmentado em sua utilização, mas que esteja integrado aos fazeres diários.

Essa percepção ocorreu quando visitamos a biblioteca da escola junto s crianças e pudemos perceber nesse ambiente a existência de uma variedade de leituras e de livros construídos por outras crianças de algumas turmas passadas.

### **3.2- “Eba! Nós vamos à biblioteca”.**

*EVENTO 6, 22/06/2018, Agrupada 2:*

Em visita a biblioteca as crianças chegam ao espaço explorando os livros. A professora mediadora conversa com as crianças explicando que quando terminassem, colocassem os livros nos devidos lugares. Algumas crianças pegaram gibis, outras livros, até que três crianças se interessaram pelo mesmo livro e, entre elas se resolveram dizendo que poderiam ler juntas. Sentaram-se cada uma em uma almofada. Uma diz: “O que você está lendo não é o que estou vendo”; Outra diz: “Eu acho que é assim”. Chegam em uma página onde não conseguiram compreender e pediram ajuda da professora para ler aquela história já que esta conhecia todas as letras. A professora mediadora começou a contar a história com as três crianças bem atentas. Uma delas diz: “Viu? Faltou essa parte, você esqueceu de contar”.

Neste evento as crianças, com inúmeras possibilidades para a escolha, perceberam o seu gosto e o que desejavam naquele momento para a realização da leitura. Após todo o envolvimento com suas imaginações para entenderem o que estava escrito na história a partir de suas leituras de mundo, solicitaram a ajuda da professora mediadora, pois faltava realmente compreender o que estava faltando naquela história. O momento proporcionou troca, aprendizagem e envolvimento do professor mediador e das crianças.

Sabe-se da importância desse espaço, das contribuições que ele pode trazer para que as crianças possam desenvolver suas linguagens, sua imaginação. A biblioteca infantil tem como propósito familiarizar as crianças com diversos materiais que poderão enriquecer suas escolhas e despertá-las para os livros e para leitura ampliando suas capacidades de expressão.

Nos encontros na biblioteca compreendi sua função para as crianças em seus processos de formação. O quanto ela é essencial para a ampliação de seus interesses e repertórios culturais possibilitando acesso a outras visões de mundo que estabeleçam relações com o mundo que os cerca, criando o verdadeiro gosto, prazer e hábito pela leitura.

Sim! O hábito da leitura deve ser estimulado desde os primeiros anos de vida escolar. Porém é impossível negar que a maioria das escolas lamentavelmente ainda não possuem

infraestrutura desejável para a conscientização desse hábito, para a possibilidade de fruição de cultura e para o encontro fértil com a literatura.

Pensamos que a biblioteca infantil deva ser um lugar para o encontro com os livros e com as letras, com o faz de conta, com a prática de contar e ouvir suas histórias. Um local que possibilite a integração de pares. De imaginar, dançar, ouvir uma música. Que seja um convite para o mundo e para as brincadeiras. Que seja lúdico todo esse processo de encontro.

## **“E ACABOU A HISTÓRIA: CONSIDERAÇÕES FINAIS.”**

Essa monografia possuiu como objetivo pensar, pesquisar e trazer o livro para o centro do olhar, levando em consideração a nossa história, nossa memória e partindo do nosso envolvimento com o livro e sobre como nos formamos leitores, como nos constituímos nesse processo de formação.

Através do olhar sensível, do registro de alguns encontros do nosso cotidiano, da nossa prática passamos a compreender como o livro é preventor de encontros, afetos, sentimentos. Alguns momentos de distanciamento e outros de compartilhamento.

Essa monografia nos abriu a reflexão sobre os encontros mais singelos da sensibilidade das crianças sobre o que elas diziam sobre os livros através de suas imagens ou pelo que tinham escutado ou apenas pelo que estavam sentindo.

Refletir, ressignificar práticas possibilita repensar e construir algo novo, sobre aquilo que nunca havia despertado em sua caminhada, mas sobre aquilo com que as crianças fazem diariamente, imaginar e construir. E sobre a escuta sensível com os diálogos das crianças, os nossos registros se tornam muito mais significativos.

Estar em sala de aula, pensar como fazer esse encontro, de que forma ler um livro para as crianças, a diferença de contar e ler histórias. Como envolver-se com a literatura.

Percebo que a maneira pela qual escolhemos gera a possibilidade para o espaço da leitura, sempre favorecendo encontros, diálogos e escuta, onde as próprias crianças ressignificam suas palavras e o que conseguem visualizar e ampliar através dos livros, buscando oportunidades para as crianças se debruçarem sobre outros títulos, construindo um espaço em que as crianças sintam-se pertencentes para buscar algo novo.

Ao longo desse trabalho pude perceber o quanto é significativo para as crianças estarem na biblioteca e como diferentes possibilidades de leitura são importantíssimas para as suas decisões e sobre o que gostariam de ler.

Escrever sobre essa temática me despertou para a importância de se estar em um diálogo aberto sem autoritarismo, mas com possibilidades e espaços para a escuta sensível, para a construção do cotidiano, para a abertura aos seus desejos e àquilo que gostariam de realizar. E estar na biblioteca era um dos desejos das crianças quase que diariamente.

O mais significativo em relação à literatura na Educação Infantil é a maneira como apresentamos os livros, a maneira como contamos uma história, a possibilidade que nós,

professores mediadores, oferecemos as crianças. A literatura que nos entrelaça e que traz a criança como autora de sua própria construção literária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo-SP; Editora-LTDA, 2009.
- BRASIL(2010). **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Resolução nº5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília, DF: MEC/CNE/SEB, 2009b.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil**. Brasília : MEC, SEB, 2006.
- CABRAL, Márcia. **A criança e o livro: Memória em fragmentos**. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Leite (orgs). **Infância e produção Cultural**. Campinas: Papyrus, 1998.
- CORSINO, Patricia ( org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores associados, 2012.
- DIAS, Karina Sperie. **Formação Estética: Em busca do olhar sensível**. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel; Nunes, Maria Fernanda e Guimarães, Daniela (orgs.) **Infância e Educação Infantil**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- FARIA, Vitória Libia Barreto .**Memória de Leitura e Educação Infantil**. In. SOUZA, Renata Junqueira (org). Caminhos para formação do leitor. SP: DCL, 2004.
- FREIRE, Madalena. Memória. In:freire, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2006. 47ª ed.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do orpimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GUSMÃO, D.S& PORTO, C.L.**Cartas de Paulo Freire a uma criança: entre guardar e publicar**. In: **Anais do I congresso de Estudos da Infância**-Diálogos contemporâneos. DEDI/EDU/UERJ. Rio de Janeiro, 2017, p.387-395.



KRAMER, Sonia ; NUNES, Maria Fernanda ; Carvalho, Maria Cristina. (orgs). **Educação Infantil : Formação e responsabilidade**. Campinas-Sp ; Papyrus, 2013.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: Arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 2007.

MATTOS, Maria Nazareth de Souza Saluto. **O livro literário na educação infantil: cultura, vida e cotidiano**. Rio de janeiro, 2008.

SCHUBACK, Marcia Sá. "A língua do começo". In: *Ensaaios de longe*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

VIEIRA, Alice. **Formação de leitores e literatura na escola Brasileira : caminhadas e labirintos**. São Paulo :Cadernos de Pesquisa, v. 38, n. 134, maio/ago. 2008 Cadernos de Pesquisa, v. 38, n. 134, p. 441-458, maio/ago. 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 3. ed. Tradução de José Cipolla Neto, Luis S. M. Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1989